
O ambiente na agenda mediática em 2003*

Luísa Schmidt¹, José Gomes Ferreira²

1. Introdução

É hoje inegável o papel dos *mass media* na cultura das sociedades modernas, com particular ênfase na sua produção simbólica, enquanto difusores de informação e conhecimento. Sobretudo com a televisão, a imagem converteu-se num ícone da cultura contemporânea, a chegar a um cada vez maior número de pessoas e através de uma linguagem já *descodificada*. Contrariamente a outros períodos históricos, o mundo contemporâneo é caracterizado pelo excesso informação, o que obriga os *mass media* a uma selecção quase drástica e o público a gerir a sua capacidade de absorção. São os *mass media* que definem o calendário dos acontecimentos, a selecção e a hierarquia dos temas de preocupação pública. No desempenho dessa tarefa assumem um importante papel na circulação de significados e na formação da opinião pública, e, por conseguinte, na própria transformação da realidade, uma vez que influenciam aquilo que noticiam, pelo que constituem o mais importante fórum na comunicação política. Ou seja, se, por um lado, estabelecem a ordem do dia dos assuntos publicamente importantes, por outro lado, a sua agenda influencia a agenda pública e a agenda das políticas governamentais, (Wolf: 1987; Livingstone: 1994; Traquina: 2001).

Em matéria de ambiente, é especificamente reconhecido o seu contributo histórico na emergência do debate público sobre as preocupações ambientais como um problema de todos, nas representações junto dos seus públicos e no incremento da participação dos cidadãos. A acção dos *mass media* alargou a consciência pública dos problemas ambientais e transformou muitos deles numa questão pública relevante; além disso contribuíram para o seu entendimento, e ajudaram a converter a questão ambiental num objecto de debate e motivo de decisões em matéria de política pública (Anderson: 1997; Schmidt: 2003).

Relativamente a Portugal, num contexto de elevado deficit de cultura ambiental da população, os *mass media* desempenham um papel crucial, tanto pela forma abrangente como ocupam o espaço público, como pela forte dependência mediática da própria informação ambiental, “já que o público tem pouco acesso a outras fontes (...)” (Schmidt, 69: 2003). Os *Inquéritos Nacionais ao Ambiente*, realizados pelo Observa (1997 e 2000), são bem claros quanto ao grau de informação ambiental dos portugueses. No *II Inquérito* apenas 37% dos inquiridos responderam estar *suficientemente informados* ou *muito informados* sobre a problemática ambiental. O mesmo *Inquérito* indica quais as *fontes de informação ambiental* dos portugueses, onde assumem primazia as fontes mediáticas, com relevo para a *televisão* (89,2%), os *jornais e revistas* (56,6%) e a *rádio* (51,6%) (Ferreira de Almeida: 2004). Estes dados são reconfirmados pelo último Euro barómetro dedicado às questões ambientais, segundo o qual a fonte favorita de informação sobre ambiente dos portugueses é acima de tudo a *televisão* (84%), seguida dos *jornais* (32%), e dos *filmes e documentários* (19%). Embora com algumas particularidades, na Europa³ a tendência é idêntica para o caso da *televisão* (81%), mas

* A comunicação resulta de um estudo desenvolvido no âmbito do Programa Observa – Ambiente, Sociedade e Opinião Pública (ISCTE/ICS-UL).

¹ ICS

² Observa

³ Sobre a Europa o relatório de 1999 da Agência Europeia do Ambiente apresentava diferenças menos acentuadas e a particularidade dos *jornais* e a *televisão* partilharem o primeiro lugar (37%), seguidos à distância pelas *revistas e livros especializados* (10%). Segundo o mesmo relatório, a imprensa escrita origina a maior parte do volume de informação ambiental, contudo, os audiovisuais, especialmente a televisão, alcançam maior impacto junto dos europeus (CEIA/EEA: 1999).

diferente no caso dos *jornais* (52%), que ocupam um papel bastante importante noutros países europeus. Os *filmes e documentários* (25%) também são destacados noutros países (Euro barómetro: 2002).

2. Nota metodológica

Por tudo o que foi dito, acompanhar as estratégias comunicativas e de formação de opinião pública – tanto na sua génese como na actualidade – constitui um foco de observação fundamental para a compreensão do processo de aprendizagem social do ambiente. A presente comunicação resulta de um trabalho de acompanhamento da agenda ambiental mediática, através do *Público* (edição Local Lisboa), um jornal diário de referência. Tarefa que passou pela monitorização diária de todas as notícias sobre ambiente publicadas em 2003, tendo como suporte uma Grelha de Assuntos e uma Grelha de Notícias. Para efeitos comparativos, foram também recolhidas as notícias de alguns meses do jornal *Correio da Manhã* (o último mês de cada trimestre).

Os dados classificados e tratados permitem apresentar o panorama das notícias sobre ambiente, especificando quer as variações por temas e por regiões, quer as flutuações mensais. Esta análise dá ainda conta de outras variáveis, tais como a relevância mediática assumida pelos temas ambientais (dimensão das notícias e respectiva localização no jornal). A análise e classificação dos dados no que respeita ao território nacional têm por base as NUTS II propostas pelo Instituto Nacional de Estatística em 2002. As notícias do resto do mundo surgem classificadas em Europa, África, América, Ásia, Oceânia e resto do mundo.

3. Distribuição geográfica de notícias

No ano de 2003 o número total de registo de notícias classificadas, de acordo com a Grelha de Assuntos, como notícias de *Ambiente* e publicadas no jornal *Público* foi de 4587, com uma média mensal de 382, para um mínimo de 270 em Fevereiro e um máximo de 545 em Agosto. Por sua vez, os quatro meses de registos do *Correio da Manhã* registam uma média mensal de 521 registos, para um mínimo de 395 registos em Maio e um máximo de 782 em Agosto.

O Gráfico 1 mostra que 73,6% dos registos de notícias do *Público* incidiram sobre o território nacional e 26,4% foram notícias de âmbito internacional. No *Correio da Manhã* esta desproporção sublinha-se: 87,4% correspondem a registos nacionais e 12,6% a registos internacionais.

Gráfico 1: Distribuição geográfica de notícias

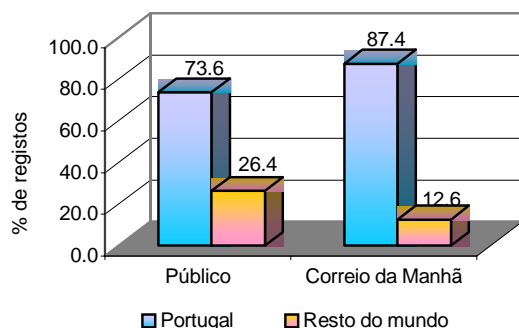
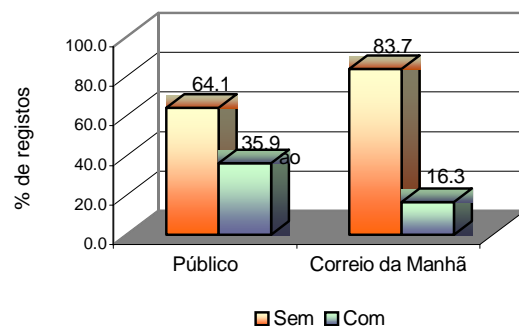


Gráfico 2: Relevância da notícia

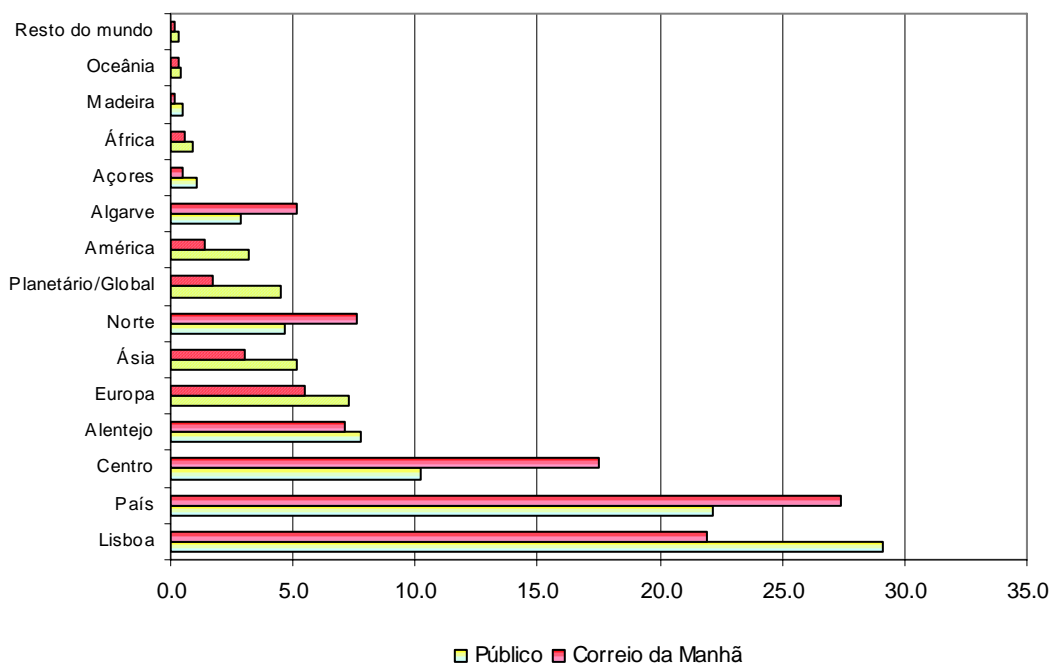


Ao longo do ano foi, igualmente, importante a diferença de *relevância* – notícias com maior ou menor tamanho – das notícias de *Ambiente* publicadas pelos dois diários. O Gráfico 2 indica que 35,9% dos registos do *Público* correspondem a notícias classificadas como tendo *relevância*, contra 16,3% no *Correio da Manhã*. A estas diferenças acresce o facto

de 21% das notícias com *relevo*, no caso do *Público*, serem notícias de âmbito internacional, contra apenas 10% no caso do *Correio da Manhã*. Ou seja, o jornal *Público* não só publicou maior número de notícias de âmbito internacional, como lhes conferiu maior *relevo*, embora o *Correio da Manhã* publique em 2003, em termos médios, maior número de títulos.

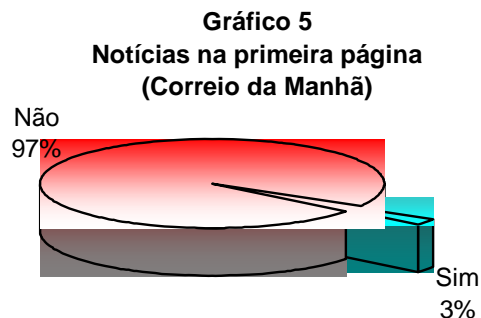
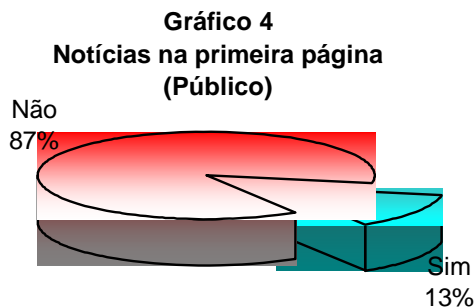
O Gráfico 3 pormenoriza a distribuição geográfica de notícias em ambos os jornais. No *Público* as de âmbito nacional centraram-se em Lisboa (37%), País (28%), Centro (13%), Alentejo (10%), Norte (6%), Algarve (4%), e os Açores e a Madeira (com apenas 1% cada). Em dois momentos Lisboa cedeu o seu lugar ao País – em Agosto e Setembro. Quanto às notícias com incidência no Resto do mundo surgem assim distribuídas: Europa (32%), Ásia (24%), Planetário/global (21%), América (15%), África 4%, Oceânia e resto do mundo (2% cada).

Gráfico 3: Distribuição geográfica de notícias (%)



No *Correio da Manhã* os registos nacionais obtiveram uma distribuição mais dedicada em geral ao País (31%), do que a Lisboa (25%), seguindo-se o Centro (20%), o Norte (9%), o Alentejo (8%), o Algarve (6%) e os Açores (1%). Contudo, o primeiro lugar das notícias atribuídas ao País ficará a dever-se mais à opção amostral, em resultado da qual, por coincidência, nos meses escolhidos ocorreram acontecimentos respeitantes a todo o território nacional e não tanto a uma região em particular. Por último, o Resto do mundo obteve a seguinte distribuição de registos: Europa (43%), Ásia (24%), Planetário/global (13%), América (11%), África (5%), Oceânia e resto do mundo (2% cada).

Um outro aspecto a levar em conta é o da publicação, ou não, das notícias na *primeira página*. Pelos Gráficos 4 e 5 verificamos que, enquanto o *Público* chama à *primeira página* 13% do total de registos de notícias classificadas como sendo de *Ambiente*, o *Correio da Manhã* apenas o faz a 3%, apesar deste jornal, como já se referiu, publicar em termos médios, maior número de registos.

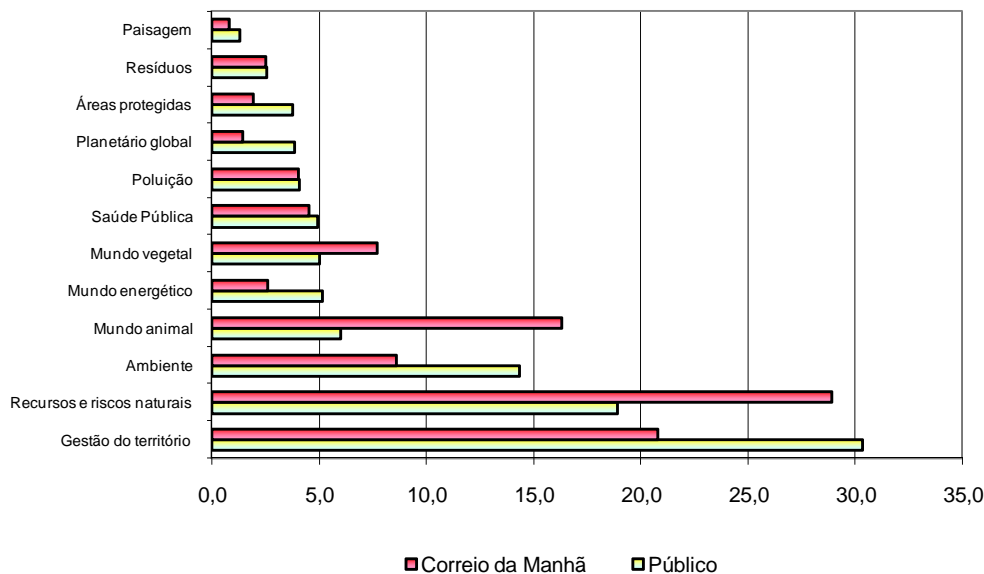


Assim se conclui, que o jornal *Público*, apesar de dar maior destaque às notícias nacionais, confere um importante destaque às notícias internacionais – as quais, como se viu pelo Gráfico 1, correspondem a mais de 1/4 dos registos de notícias em 2003. Mais ainda, neste jornal as notícias internacionais têm um importante *relevo* no conjunto das notícias publicadas. Quanto aos registos de notícias do *Correio da Manhã* correspondem, em larga medida, ao território nacional, conferindo, por sua vez, pouco *relevo* às notícias de âmbito internacional. Em suma, o *Público*, pela sua própria estrutura, apresenta menor número de notícias sobre ambiente, mas atribui-lhes mais *relevo* e trata-as num âmbito mais vasto (internacional). Dando-lhes também uma localização mais destacada, ou seja, ocorrem maior número de notícias na sua *primeira página*.

4. Distribuição temática de notícias

Se até agora a análise incidiu, genericamente, sobre a região noticiada, o Gráfico 6 indica a distribuição temática das notícias em 2003. Numa primeira leitura pode concluir-se que, ao longo do ano, no jornal *Público* a categoria temática mais em evidência foi a *Gestão do território*, categoria que abrange os *Equipamentos e Obras Públicas*, as *Actividades Económicas*, *(Des)Ordenamento do Território* e o *Saneamento Básico*. É óbvio que a opção pela edição Local Lisboa influi nos resultados, e a prova disso encontra-se no facto de 48% dos registos da categoria *Gestão de território* ocorrerem na região de Lisboa. Para tal, contribuíram, nomeadamente, as notícias sobre a requalificação do Parque Mayer, a construção do túnel das Amoreiras e a conclusão do nó da CRIL na Amadora. Nos restantes 52% estão questões tão polémicas como o TGV e o aeroporto da Ota (esta última temática, dada a opção pelas NUTS II do INE de 2002, viu-se deslocada para a região Centro).

Gráfico 6: Distribuição temática de notícias (%)



Todavia o critério “maior número de registos” não é o único que permite aferir sobre as categorias com maior destaque, como se verifica no caso da *Gestão do território* no gráfico anterior (com 30% dos registos, contra apenas 19% dos *Recursos e riscos naturais* e 14% do *Ambiente*). Se se levar em conta o critério “publicação na *primeira página*, verificamos que a categoria que recebeu maior destaque foi a dos *Recursos e riscos naturais*, que recolhe 29% dos 301 registos de *primeira página*, contra 20% respeitantes à *Gestão do território*.

Os Quadros 1 e 2 comparam as cinco principais categorias publicadas na *primeira página* nos dois diários. O aspecto mais visível prende-se com o facto de, no *Público*, serem pouco acentuadas as diferenças entre a posição de cada categoria – o que indicia uma distribuição mais equilibrada e uma abordagem mais reflectida ao tema. Contrariamente, no *Correio da Manhã*, a categoria *Recursos e riscos naturais* alcança 67% dos registos das notícias publicadas na sua *primeira página* e classificadas como sendo de *Ambiente* – o que indicia maior tendência para o catastrofismo e respectiva tabloidização. Outra diferença importante diz respeito, em concreto, à distribuição temática das notícias publicadas na *primeira página*, com maior ênfase para o posicionamento no *Público* da categoria *Planetário/global* – uma categoria que contempla os *Problemas globais* e os *Planetas* – e do *ambiente* em si, enquanto no *Correio da Manhã* sobressai a categoria *Mundo animal*. Ou seja, enquanto no *Público* se regista um maior peso atribuído ao *ambiente* como questão política – seja à escala nacional como internacional –, no *Correio da Manhã* temos uma abordagem mais lúdica, quase *naïfe* e de certo politicamente menos activa.

Quadro 1 e 2: Distribuição temática das notícias publicadas na primeira página

Público	
Ranking	Categoria
1. ^a	Recursos e riscos naturais (29%)
2. ^a	Gestão do território (20%)
3. ^a	Saúde pública (11%)
4. ^a	Ambiente (8%)
5. ^a	Planetário/global (7%)

Correio da Manhã	
Ranking	Categoria
1. ^a	Recursos e riscos naturais (67%)
2. ^a	Gestão do território (9%)
3. ^a	Saúde pública (6%)
4. ^a	Mundo animal (5%)
5. ^a	Ambiente/Mundo energético (4%)

Esta categoria – *Mundo animal*⁴ –, que ocupa a terceira posição no respeitante às áreas temáticas mais agendadas pelo *Correio da Manhã*, em alguns meses chega a passar para o primeiro lugar. Tal acontece no mês de Maio, com 21% dos registos de notícias classificadas como sendo de *ambiente*, contra 20,5% da *Gestão do território* e 15,9% dos *Recursos e riscos naturais*. De referir que este peso significativo é conseguido, basicamente, através de cartas de leitores para a rubrica “*Animais nossos amigos*”, porventura com maior ênfase dado o aproximar do Verão, um período associado ao abandono dos animais domésticos. Nos meses de Fevereiro e Agosto esta categoria ocupa o segundo lugar, e para todo o ano de 2003 fica em aberto se o *Mundo animal* conseguirá aproximar-se ou mesmo alcançar o primeiro lugar dos registos.

A diferença entre ambos os jornais relativamente às notícias de *ambiente* que agendam na sua *primeira página*, é ainda evidente quando se analisam as regiões a que se referem as notícias. Os Quadros 3 e 4 mostram as cinco principais regiões protagonistas das *primeiras páginas*. Se as notícias referentes a todo o país constituem praticamente metade das notícias de *ambiente* que fazem a *primeira página*, 49% no *Público* e 52% no *Correio da Manhã*, a maior diferença está relacionada com o âmbito internacional da notícia. Como se pode deduzir dos quadros, 18% das notícias que o *Público* agenda para a sua *primeira página* são notícias internacionais. Contrariamente, apenas 4% das *primeiras páginas* do *Correio da Manhã* têm

⁴ Nesta categoria não são incluídos os registos das notícias sobre “espectáculos tauromáquicos”, várias vezes apresentados pelo *Correio da Manhã* na sua secção *Cultura & Espectáculos*. Não se quer com isto dizer que os touros não são considerados na análise; mas apenas que as notícias sobre os “espectáculos” em si não se apresentam como sendo de *ambiente*, ao contrário, por exemplo, de notícias sobre a polémica dos touros de morte, essas devidamente recolhidas e classificadas.

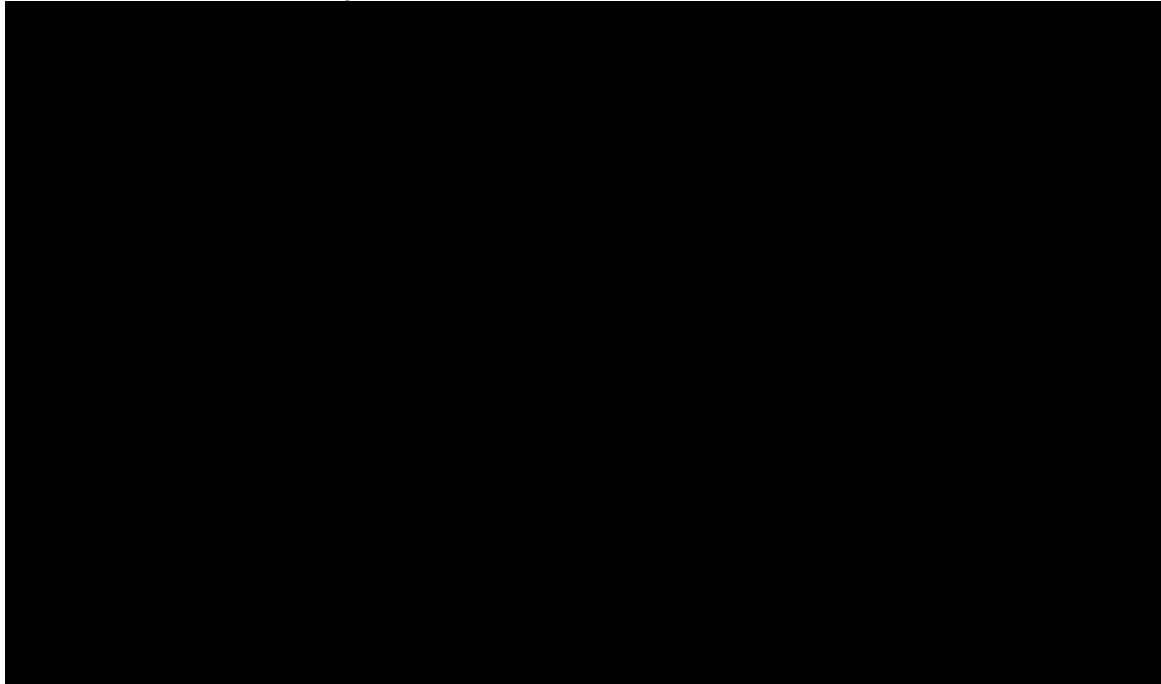
como âmbito geográfico o *Resto do mundo*, totalizando as cinco regiões do quadro, todas elas de incidência nacional, 93% das suas *primeiras páginas*.

Quadro 3 e 4: Distribuição geográfica das notícias publicadas na primeira página

Público	
Ranking	Região
1. ^a	País (49%)
2. ^a	Lisboa (15%)
3. ^a	Europa (8%)
4. ^a	Planetário/global (5%)
5. ^a	Ásia (5%)

Correio da Manhã	
Ranking	Região
1. ^a	País (52%)
2. ^a	Algarve (13%)
3. ^a	Lisboa (12%)
4. ^a	Centro (11%)
5. ^a	Alentejo (5%)

Para melhor compreender a distribuição dos registos ao longo de 2003 o Gráfico 7 relaciona, em termos quantitativos, os 12 meses de registos do *Público* com os 4 meses escolhidos para efeitos comparativos do *Correio da Manhã*. Naturalmente, são os registos de notícias do jornal *Público* que melhor nos podem servir para traçar uma panorâmica geral sobre todo o último ano, o que passa pela identificação de alguns momentos mais marcantes, a partir do cruzamento número de registos tema tratado.



O primeiro desses momentos corresponde ao mês de Janeiro, quando a *Gestão do Território* alcançou o primeiro lugar, com 29,8% dos registos, seguida de perto pelos *Recursos e riscos naturais*, com 24,5%. Esta última percentagem surge repartida do seguinte modo: 15,8% foram *Catástrofes naturais* – notícias de inundações e derrocadas um pouco por todo o país, e a vaga de frio na Europa –; e 7,7% foram *Catástrofes antrópicas* – estava ainda bem presente a maré negra resultante do afundamento do petroleiro “*Prestige*” na costa da Galiza.

O segundo momento foi marcado por notícias nacionais, quando se gerou a controvérsia face à descoberta do uso ilegal de nitrofuranos na alimentação de aves. Se ao longo do ano os *nitrofuranos* representaram 1,6% do total de registos, no mês de Março atingiram 14,6%, percentagem que lhes permite ocupar o primeiro lugar e contribuir para que a *Saúde pública* ocupe o segundo lugar em termos de categorias temáticas, com 19,8%, contra os 33,2% da *Gestão do território*.

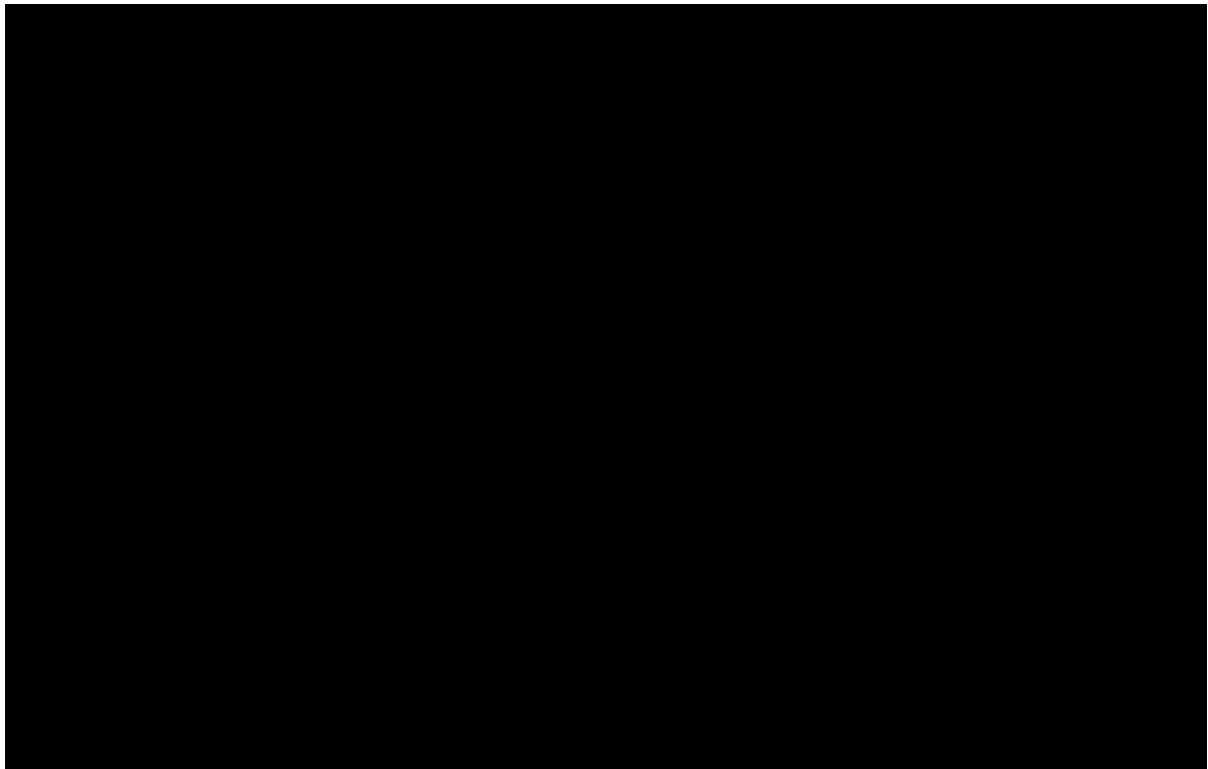
Embora de forma mais discreta o mês de Junho constitui-se como mais um momento noticioso importante, o que se relacionou com uma grande quantidade de notícias sobre *Agricultura*, resultante, sobretudo da discussão europeia da reforma da Política Agrícola Comum (PAC). Por esse facto a *Agricultura* totalizou 7,4% dos registos do mês, correspondentes a 21% do total de registos sobre a *Agricultura* em todo o ano de 2003.

Mas o momento em que mais notícias foram publicadas sobre *Ambiente* corresponde ao momento dos trágicos incêndios ocorridos em Agosto e Setembro em todo o país e à vaga de calor no país e na Europa. Relativamente ao mês de Agosto, comparando os registos de ambos os jornais, confirmamos acima de tudo, uma acentuada diferença no número de registos, respectivamente 545 e 782, já que a cobertura geográfica e temática é bastante mais próxima considerando o conjunto do ano.

Quadro 5 e 6: Incidência nacional das notícias publicadas em Agosto, em %

Público		Correio da Manhã	
Ranking	Região	Ranking	Região
1. ^a	País (48%)	1. ^a	País (46%)
2. ^a	Lisboa (19%)	2. ^a	Centro (19%)
3. ^a	Centro (13%)	3. ^a	Lisboa (14%)
4. ^a	Alentejo (10%)	4. ^a	Algarve (9%)
5. ^a	Algarve (5%)	5. ^a	Alentejo (7%)

Os Quadros 5 e 6 apresentam a distribuição geográfica dos registos de notícias com incidência nacional publicadas neste mês de Agosto em ambos os jornais. De referir, ainda, uma coincidência desusada nestes dois jornais: 8,4% de registos do *Público* surgiram publicados na sua *primeira página*, sendo que 78% destes se referiam a *Recursos e riscos naturais*; de igual modo, 9% das notícias sobre *ambiente* publicadas pelo *Correio da Manhã* em Agosto constavam da sua *primeira página*, 87% das quais relativas a *Recursos e riscos naturais*.



O Gráfico 8 mostra a distribuição temática dos registos em Agosto no *Público* e no *Correio da Manhã*. Apenas se destaca alguma diferença no que respeita ao *Mundo animal* – mais presente no *Correio da Manhã* – e à *Gestão do território* – mais presente no *Público* –, o

que indicia que o mês de Agosto funciona como uma espécie de reservatório onde os temas habitualmente secundários, como é o caso do *ambiente*, assumem um papel mais importante.

Antes de se finalizar a breve análise dos registos de notícias de 2003 do jornal *Público*, aos quais se acrescentou, para efeitos comparativos, quatro meses do *Correio da Manhã*, um último reparo para o pouco destaque dado ao *Ambiente*, tomado no seu sentido corrente. Esta categoria obtém 14,3% dos registos do *Público*, o que lhe permite ocupar o terceiro lugar, sendo que 62% destes registos são sobre *Ambiente urbano* – onde se inclui o *Trânsito*. No *Correio da Manhã* o *Ambiente* obtém 9% dos registos, o que coloca esta categoria na quarta posição, muito abaixo dos 16% do *Mundo animal*; mas, de uma forma ainda mais acentuada, 82% destes registos referem-se a *Ambiente urbano*. Em síntese, a questão ambiental em si, como tema político relevante, não tem ocupado grande espaço nas agendas dos jornais portugueses.

5. Notas finais

Ao longo do ano 2003 o *ambiente* foi motivo para mais e maior destaque em situações de *catástrofes, naturais* ou *antrópicas*, (constituintes da categoria *Recursos e riscos naturais*) ou então em situações de grave risco para a *saúde pública*. Tal deve-se, primeiro, às notícias sobre os efeitos da maré negra provocada pelo petroleiro “*Prestige*” na Galiza, mas também às notícias sobre a vaga de frio, e as inundações e derrocadas, situações basicamente ocorridas no mês de Janeiro. E, depois, aos devastadores incêndios e à vaga de calor de Agosto e Setembro. Quanto ao peso da categoria *Saúde pública* tem origem na polémica em redor do uso dos nitrofuranos na alimentação de aves, despoletada no mês de Março. Todavia, em ambos os jornais, se o ano mediático foi abundante em acontecimentos catastróficos, não o foi noutras questões mais estritamente ambientais.

Outra nota a sublinhar tem a ver com o mês Agosto, habitualmente um mês de “*notícias-resto*”, e que constituiu um momento privilegiado para noticiar o *ambiente*. Independentemente do peso dos incêndios, este facto é recorrente na imprensa nacional, o que poderá ter a ver com critérios editoriais tendentes a secundarizar os temas ambientais durante o resto do ano.

Subtraindo o carácter aleatório das catástrofes (“*Prestige*” e incêndios) e do episódio com os nitrofuranos, a categoria mais em evidência foi a *Gestão do território* - o que indicia a relevância crescente deste tema, quando comparado com estudos anteriores (Schmidt: 2003). No caso do *Público* as notícias sobre ordenamento referem-se ao caso do Parque Mayer e à localização do casino, ao túnel do Marquês e ao TGV. A estas temáticas juntam-se várias outras sobre *Património construído*. Por sua vez, no *Correio da Manhã* destacam-se as *Grandes obras de viação* – que não apenas a construção do túnel do Marquês. Porém, a categoria com maior notoriedade neste jornal foi a categoria *Mundo animal*, sendo o tema *Animais Domésticos*, na sua referência nacional, o segundo tema mais noticiado, resultante, na sua maioria, da participação dos leitores na rubrica “*Animais nossos amigos*”. Com a singularidade de não incidir sobretudo na região de Lisboa, mas conseguir uma considerável dispersão pelo território nacional. Enquanto isso, no exemplo anterior, a categoria *Gestão do território* identifica-se, basicamente, com a região de Lisboa.

Relativamente ao âmbito geográfico, um aspecto a levar em linha de conta é a diferença registada entre o *Público* e o *Correio da Manhã* quanto às notícias nacionais e internacionais, predominando uma clara noticiabilidade de temáticas com âmbito internacional por parte do jornal *Público*, para mais, apresentadas com acentuado *relevo*. Contrariamente, no *Correio da Manhã* o principal alvo de notícia foi o âmbito nacional, que conquistou também maior *relevo*.

O critério “publicação na primeira página” permite reforçar o que até agora foi dito sobre a hegemonia das notícias da categoria *Recursos e riscos naturais*. Pois, esta categoria foi a que mais vezes surgiu agendada na *primeira página* de ambos os jornais, embora com um acentuado domínio sobre as restantes no *Correio da Manhã*. De modo semelhante ao que ocorre em relação à totalidade das notícias, a categoria que surgiu na *primeira página* imediatamente a seguir às *catástrofes*, foi a *Gestão do território*.

Em suma, em 2003, *Público* e *Correio da Manhã*, atribuíram enorme destaque às notícias sobre *catástrofes e saúde pública*, na sua maior parte referentes ao País. Imediatamente a seguir a esta temática, o *Público* agenda mais a *Gestão do território* e o *Correio da Manhã* parece dar maior ênfase ao *Mundo animal*. A ambos os jornais é comum o carácter residual da temática ambiental tomada na sua formulação corrente. Contudo, o *Público*, apesar de apresentar menor número de notícias de *ambiente*, dá-lhes maior destaque e trata-as de uma forma mais aprofundada, atribuindo importância crescente à dimensão política das questões ambientais.

Bibliografia

- ANDERSON, Alison (1997), *Media, culture and the environment*, London, UCL Press.
- CEIA/EEA (1999), *A new model of environmental communication for Europe from consumption to use of information: Expert corner report*, Barcelona, Centre d'Estudis d'Informació Ambiental / Environmental European Agency.
- LAZAR, Judith (1991), *Sociologie de la communication de masse*, Paris, Armand Colin.
- LIVINGSTONE, Sonia (1994), *Talk on television: audience participation and public debate*, London, Routledge.
- LOWE, Philip and Morrison, David (1984), "Bad news or good news: Environmental politics and the mass media", *The Sociological Review*, Vol. 32, N.º 1, University of Keele, pp. 75-90.
- SCHMIDT, Luísa (2003), *O Ambiente no Ecrã – Emissões e demissões no serviço público televisivo*, Lisboa, ICS.
- TRAQUINA, Nelson (2001), *O estudo do jornalismo no século XX*, São Leopoldo (Brasil), Editora Unisinos.
- WOLF, Mauro (1987), *Teorias da comunicação*, Lisboa, Editorial Presença.
- FERREIRA DE ALMEIDA, João (Org.) (2004), *Os Portugueses e o Ambiente: II Inquérito Nacional às Representações e Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente*, Oeiras, Celta Editora.
- THE EUROPEAN OPINION RESEARCH GROUP (2002), *Eurobarometer 58.0 – The attitudes of Europeans towards the environment*, Bruxelas, Directorate-General Environment.

Jornais

Correio da Manhã

Público